

SERTÃO/QUEBEC: IDENTIDADES LITERÁRIAS E IMAGINÁRIOS CINEMATOGRAFICOS EM *BOI ARUÁ* E *L'OUUMIGMAG OU L'OBJECTIF DOCUMENTAIRE*

Samara Freitas¹ e Claudio Novaes²

1. Bolsista PROBIC, Estudante de Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: samarapassos1@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ccnovaes.uefs@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema – Literatura – Cultura.

INTRODUÇÃO

Desde muito cedo, somos imersos em memórias e construções culturais provenientes do espaço coletivo no qual estamos inseridos, consolidando a ideia de pertencimento a uma nação. Essa identidade coletiva, como afirma Stuart Hall, é formada e transformada por meio da representação cultural, os sentimentos de nacionalidade são ressignificados no cotidiano dos indivíduos e produzem os sentidos com os quais nos identificamos com a coletividade.

No contexto dos estudos contemporâneos destacam-se discussões que permeiam essas questões de identidade, a preocupação com sua crise, fragmentação e deslocamento. Esta pesquisa propõe uma leitura do cinema como produtor de imaginários e fomentor de questões sobre os conceitos de identidade/alteridade, e suas estratégias estéticas de diálogo e interação com a linguagem literária.

Para tal análise escolhemos duas obras cinematográficas, uma baiana e outra canadense, buscando perceber diferentes perspectivas de análise cultural, a partir do regional em contraponto ao global.

O audiovisual *Boi Aruá* (1984) presente na Coletânea: Bahia 100anos de Cinema, representa um projeto inovador, sendo o primeiro longa-metragem em desenho animado realizado na Bahia, produzido por Chico Liberato. O filme foi baseado no livro de Luís Jardim intitulado *O Boi Aruá* (1930).

Uma coletânea das obras do cineasta canadense Pierre Perrault, lançada em 2007, encontra-se o documentário *L'oumigmag L'objectif documentaire/O oumigmag ou o objetivo documentário* (1993) de 27 min.

METODOLOGIA

A metodologia dessa pesquisa constitui-se em análise das obras propostas, o documentário *L'oumigmag L'objectif documentaire* de Pierre Perrault e a animação *Boi Aruá* de Chico Liberato, partindo dos pressupostos teóricos, identificando nas obras cinematográficas imagens simbólicas e os pontos convergentes e divergentes importantes, considerando suas diferenças técnicas. Observando as questões de subjetividade entre os diferentes tipos de linguagens, analisamos a interação estética nas semelhanças e diferenças entre a literatura e o cinema, tomando por base a obra literária de Luís Jardim *O Boi Aruá* que inspirou o audiovisual de Liberato. A partir de um olhar comparativo, embasado em dados teóricos, buscamos perceber novas perspectivas de análise cultural e de representações da memória e identidade.

DISCUSSÃO

A percepção da análise do espaço cultural implica reflexões sobre os processos articuladores de sentidos e representações, tanto hegemônicas quanto subalternas. O cinema e

a literatura apresentam-se como meios de expressão e comunicação que representa, registra e sensibiliza a sociedade que reflete e influencia. Embora constituídos com modos receptivos diferentes em tempo, modo e imagens “... tanto o cinema como a literatura, após espelharem as culturas das sociedades em que estão inseridos atingem um caráter universal que lhes confere uma inserção em outras culturas, transformando-as”. Constituindo-se como estéticas que moldam e espelham “dando imagem e voz a cultura e a identidade nacional”.

Luís Jardim lança em 1975, o livro intitulado *O Boi Aruá*, destinado ao público infantil, constitui em três contos, entre eles o primeiro homônimo do título. A história é narrada através da voz de Sá Dondom, uma preta velha que ficava na cozinha e contava “estórias” aos meninos, as marcas da oralidade presentes no texto justificam-se pelo foco da narrativa.

Jardim não apenas reconta uma lenda, mas a resgata tal como era em seu discurso oral, que, segundo Câmara Cascudo, por ser transmitido essencialmente de forma verbal caracteriza-se pela existência de várias versões, com adaptações psicológicas e ambientais que remetem a noção de multidão e coletividade. O conto é repleto de “dizeres”, comparações, metáforas e descrições, algumas tão bem detalhadas que se aproximam de imagens cinematográficas na potencialidade da linguagem imagética.

O autor escreve um exemplar do regionalismo realista, a sua estória é inspirada e totalmente inserida no imaginário e na “realidade” nordestina. Abarca desde a substância física à espacial, descrevendo a região, a fauna e a flora própria do nordeste, tudo isso envolto num olhar de quem conta o mito, que envolve a presença do Boi no imaginário nordestino.

Jardim constrói uma narrativa que antecipa um “modelo” de herói em conflito, bem destacado no Modernismo, que não ocupa o papel central, remete também ao modelo de narrativas clássicas, ao levar o personagem a percorrer um caminho em favor da purgação de seus “pecados”, desmediações internas de caráter. A figura do Boi, presença marcante no imaginário humano desde a Antiguidade, recebe destaque no Nordeste brasileiro desde a colonização e está presente em músicas, ditados e manifestações folclóricas, além da importância econômica e histórica.

Partindo desses pressupostos, a figura do Boi é inserida como representação do mítico e do sobrenatural, além do alcance humano e de Lourenço, nome do fazendeiro, que alimenta seu orgulho em querer “pegar” esse Boi. A representação do “eu” épico funciona como projeção dos “eus” da humanidade ou a essencialidade de todo homem. O mítico assume o papel de mediador para com o indivíduo, que o esgota, só depois dos “fracassos” diante da imagem mítica e poderosa, o herói purga seus pecados em reconhecimento a sua insignificância, e no clímax da narrativa, quando o homem de exaure, acontece a fantástica do destino, recordando o mito da primavera.

A partir do livro de Jardim e do conto de Alba Liberato, este em estilo de literatura de cordel (numa espécie de roteiro, baseado no livro de Jardim). Chico Liberato produz o audiovisual *Boi Aruá*, obra significativamente híbrida, produto de uma mescla de vários tipos de linguagem e recursos, introduzindo na animação a literatura de cordel, xilogravuras, litogravuras, traços antropológicos e etnográficos explorando a temática nordestina. Liberato mantém a potencialidade que a imagem mítica do Boi exerce sobre o personagem, demonstrando, porém, pela adaptação fílmica, a autonomia e a liberdade de interpretação do cineasta ao dialogar com a obra de origem. A leitura clássica do percurso transcrito por Tibúrcio, “herói” da obra, é enfatizada pelos recursos permitidos e pelas influências mais modernas, sendo perceptível através de decupagem as nuances da intertextualidade, adaptação e atualização do imaginário.

Pierre Perrault, sobre uma perspectiva estética diferente de Chico Liberato, fugindo da ficção, vai em busca do “Real”, utilizando como foco de seu documentário o imaginário que permeia o “boi Almiscarado”, natural do Canadá, figura marcante na memória e na história do

Québec. Perrault constroi um diálogo com o mito, a linguagem poética e o resgate da memória, servindo-se de uma técnica de produção e filmagem marcada pela espera do momento propício. O audiovisual também se destaca pelo emprego do narrador off, a voz do próprio cineasta se manifesta como guia da narrativa, extrapolando a função informativa ou descritiva, usada no geral. A voz off presente no documentário mostra a força objetiva da visibilidade da câmera e da performance poética da oralidade, reconfigura a imagem do Boi inserido no imaginário mítico que o cerca, construindo imagens a partir das próprias imagens. remetendo a uma identificação com uma identidade coletiva. O conceito de identidade como profundamente envolvido no processo de representação é trabalhado quando há identificação do espectador e a imagem objetiva do cinema documental.

CONCLUSÃO

As Obras propostas apresentam-se como discussões que, mesmo oriundas de meios culturais, geográficos e épocas diferentes, compartilham a representação de aspectos importantes que fazem parte do imaginário popular e das formulações de identificação identitária. Diante de estéticas e recursos diversos, as obras estudadas problematizam e estabelecem referências utilizando a imagem emblemática da simbologia animal em seus desdobramentos culturais, produzindo um diálogo que constitui e afirma, através de sua linguagem, perspectivas múltiplas de identificação, no plano da subjetividade da arte.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras Artes**. São Paulo: Cortez, 2009.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- DURANT, Gilbert. **O Imaginário, Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.
- JARDIM, Luís. **O Boi Aruá**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- MARIE, M.; ARAÚJO, J. (Org.). **Pierre Perrault: O Real e a Palavra**. Belo Horizonte: Balafon, 2012.
- PAMPONET, Juscimeire Oliveira Alves. **Imagens da Cultura Nordestina na Lenda do Boi Aruá: permanências e rupturas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2006.
- PERRAULT, Pierre. **L'oumigmatique ou l'objectif documentaire : essai**. Montreal : L'Hexagone, 1995.
- RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). **Teoria Contemporânea do Cinema, Volume II**. São Paulo: Senac, 2005.
- ROCHA, Glauber. **Revisão crítica do cinema brasileiro**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- STAM, Robert. **A literatura através do Cinema**. UFMG, 2008.
- XAVIER, Ismail. **O Cinema Brasileiro Moderno**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- _____. **Introdução à Poesia Oral**. UFMG, 2010.